



Jornalistas na cobertura da implosão do edifício quatro estações, em Maputo.

Foto de Luís Muianga

# Introdução



Este capítulo cobre o contexto nacional do género e comunicação social, os antecedentes do projecto, a descrição da metodologia usada na pesquisa, bem como os principais eventos que aconteceram durante o período da monitoria.

### **Contexto**

Moçambique está localizado no sudoeste de África, do outro lado do mar está a nação de Madagascar. É o quarto país mais populoso dos 14 que constituem a Comunidade de Desenvolvimento da África Austral, com uma população de 20 milhões. Moçambique partilha fronteiras com a Tanzânia a norte, Malawi, Zâmbia, e Zimbábue a oeste, e África do Sul e Suazilândia a sul.

Desde o fim da Guerra civil de 16 anos, de 1977 a 1992, Moçambique tem conhecido alguns melhoramentos significativos nos índices de crescimento do país, como resultado de uma série de reformas macro-económicas lançadas em 1987 e desenhadas para estabilizar a economia, combinado com o apoio dos doadores e a estabilidade política desde as primeiras eleições multipartidárias em 1994.

Da dominação colonial portuguesa de quase 500 anos, Moçambique herdou a língua portuguesa, que se tornou a sua língua oficial a altura da independência em 1975. Apesar de ela ser falada por apenas 40% da população, e a percentagem dos que falam Português como a sua primeira língua é apenas uma fracção de 6.5%. igualmente, apenas 8.8% da população usa o Português na sua comunicação diária.

A percentagem dos homens que falam Português (50.4%) é substancialmente mais elevada que a das mulheres (29.7%). Pode-se dizer que as línguas nativas dominam a comunicação diária entre os Moçambicanos, com o Emakhwa a língua materna mais falada no país (26.3%), seguida de Xichangana (11.4%) e Elomwe (7.9%).

### **A comunicação social em Moçambique**

A Constituição da República, a Lei de Imprensa de 1991 e o Acordo de Paz de Roma garantem a liberdade de imprensa em Moçambique. Estes factores colocam Moçambique como um dos países com uma legislação da comunicação social mais liberal ao nível do continente.



Jornalista Atanásio Marcos, na cobertura da implosão do edifício quarto estações em Maputo.

Foto de Luís Muianga

Mas existem muitas restrições a essas liberdades relacionadas com os deveres da comunicação social de respeitar a política externa, defesa nacional, dignidade humana e a Constituição. Moçambique ainda não conseguiu aprovar a lei de acesso a informação, que há pelo menos três anos vegeta na Assembleia da República (AR). A Lei de Acesso a Informação, elaborada pelo MISA, foi submetida a AR para apreciação e aprovação, mas até estas alturas ainda não foi discutida.

As acusações criminais por difamação que têm sido movidas contra jornalistas e empresas de comunicação social, tem sido um dos aspectos que limitam a liberdade e o exercício profissional. O governo também controla os maiores e mais influentes órgãos de comunicação, incluindo todos os órgãos de comunicação de radiodifusão públicos ("Reportando o SIDA", Panos Londres, 2005). Desde 1991 a comunicação social independente também tem se desenvolvido, e dá aos leitores mais opções para além da imprensa controlada pelo Estado.

O cenário da comunicação social em Moçambique é caracterizado fundamentalmente por três diários de circulação nacional, cinco estações televisivas em sinal aberto, e vários canais televisivos em sinal fechado através da TV Cabo, cerca de uma dezena de semanários e igual número de diários electrónicos.

A língua portuguesa domina a imprensa escrita e televisiva, com uma excepção notável da Rádio Moçambique e das rádios comunitárias que transmitem em várias línguas nacionais, mas estes últimos, apesar do seu enorme potencial para contribuir na diversidade da comunicação, operam sob imensas dificuldades para sobreviver. Com a

actual crise financeira e muitas delas dependentes de doações e financiamento, correm o risco de desaparecer.

O Estudo Básico Sobre Género e Comunicação Social (GMBS) conduzido pelo Instituto de Comunicação Social da África Austral (MISA) e GL em 2003 constatou que as mulheres constituíam 19% das fontes de notícias em Moçambique, comparado com a média regional de 17% e a global de 18%. No Projecto de Monitoria da Comunicação Social Global conduzido em 2005, a proporção de

fontes de informação femininas na comunicação social tinha aumentado para 23%, mas neste estudo este dado caiu para 14%.

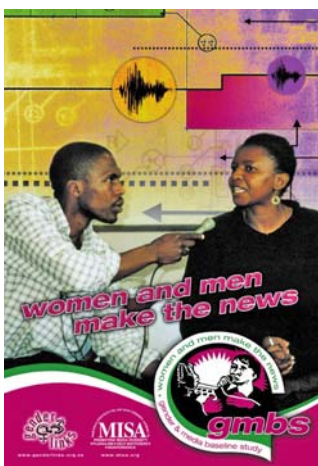
#### Antecedentes do Projecto

A tabela dois do Barómetro do Protocolo do Género de 2010 sintetiza as principais pesquisas sobre género e comunicação social realizadas ao longo da última década. As principais peças de pesquisa relevantes para o GMPS são aqui revistas brevemente:

**Tabela dois: Sumário das pesquisas sobre género e comunicação social feitas pelos parceiros do GMPS**

PESQUISA	ANO	O QUE ELA COBRE	QUEM
<b>Leis e política</b>			
Legalmente seu	2007	Auditoria das políticas, leis e regulamentos da comunicação social.	GEMSA
<b>Género no ensino da comunicação</b>			
Género no ensino da comunicação - África Austral	2010	Auditoria do género nas instituições de ensino de comunicação.	GMDC, GL
<b>Género nas ONGs de desenvolvimento da comunicação social</b>			
	2006	Auditoria do género nas ONGs de desenvolvimento da comunicação social apoiadas pela ASDI ao nível global, com vários desses incluindo o MISA na África Austral.	GL, ASDI
<b>Género na da comunicação social</b>			
Tetos de Vidro: Género nos órgãos de comunicação da África Austral	2009	Representação e participação das mulheres dentro dos órgãos de comunicação, a sua hierarquia, as diferentes áreas de cobertura e ocupacionais.	GL
<b>Género nos conteúdos da comunicação social</b>			
Estudo Básico sobre Género e comunicação Social (GMBS)	2003	Monitoria do género desagregada de 25,000 itens noticiosos durante um mês para determinar quem fala sobre o quê, e como as mulheres e os homens são caracterizados na comunicação social.	GL, MISA, Projecto de Monitoria dos Órgãos de Comunicação (MMP)
Projecto de Monitoria Global da Comunicação Social	2005	Monitoria de um dia dos órgãos de comunicação social da África Austral em 13 países, como parte da monitoria global, usada para marcar o progresso desde o GMBS.	GEMSA
Espelho sobre a Comunicação Social: Quem fala nos Programas de Audiência da Rádio	2006	Monitoria desagregada do género dos apresentadores, convidados, ouvintes no Lesotho, Malawi, África do Sul e Zimbabwe.	GL
HIV e SIDA, Género e Comunicação Social	2006	Dados desagregados por género sobre a cobertura do HIV e SIDA, incluindo a cobertura geral; tópicos; tipos de fontes consultadas.	GL, SAEF e MMP
Espelho sobre a Comunicação Social:: Género e Publicidade	2007	Monitoria do género de quem é ouvido e apresentado na publicidade na Maurícias, África do Sul, Zambia e Zimbabwe, e como é que as mulheres são caracterizadas.	GL, capítulos nacionais do GEMSA
Espelho sobre a Comunicação Social: Género e Tabloides	2008	Monitoria desagregada por género de quem fala sobre o quê, e como as mulheres e homens são caracterizados nos tabloides.	GL, capítulos nacionais do GEMSA
Estudo sobre HIV e SIDA, Género e Comunicação Social Francófono	2008	Uma combinação do GMBS e o Estudo sobre HIV e SIDA, Género e Comunicação Social, introduzindo novos parâmetros, como prática da comunicação social.	Escritório Francófono da GL
Estudo de Progresso do Género e Comunicação Social	2010	Monitoria desagregada por género de mais de 30,000 itens noticiosos ao longo de um mês para medir o progresso desde o GMBS, cobrindo práticas gerais; género; HIV e SIDA e violência de género.	GL, GEMSA, MISA
Projecto de Monitoria global da Comunicação Social	2010	Um dia de monitoria dos órgãos de comunicação social da África Austral em catorze países como parte da monitoria global, que será usada para marcar o progresso da região em relação às tendências globais.	GEMSA
<b>Género e audiências</b>			
Os meus pontos de vista sobre as notícias	2005	Como é que as mulheres e os homens na África Austral interagem com as notícias e respondem a elas.	GL, MISA, GEMSA, MMP

Fonte: Barómetro do Protocolo do Género de 2010



Em 2003, a GL e o MISA, com o apoio técnico do Projecto de Monitoria dos Órgãos de Comunicação Social (MMP) levaram a cabo o **Estudo Básico sobre Género e Comunicação Social** (GMBS), o maior estudo sobre género nos conteúdos editoriais da comunicação

social jamais realizado em todo o mundo. Cobrindo 12 países da África Austral durante um período de um mês, o GMBS constatou que as mulheres constituíam apenas 17 por cento das fontes de notícias em todos os países da região, e que elas eram caracterizadas num espectro limitado de papéis, muitas vezes como objectos de sexo ou como vítimas da violência. As constatações do GMBS foram averiguadas com os órgãos de comunicação em todos os países onde a pesquisa teve lugar, e foram apresentadas na primeira Cimeira sobre Género e Comunicação Social em Setembro de 2004 que levou ao lançamento da Rede do Género e Comunicação Social da África Austral (GEMSA).

Em Fevereiro de 2005, os capítulos da GEMSA em treze países participaram no **Projecto de Monitoria Global da Comunicação Social** de um dia (GMMP) que coincidiu com o décimo aniversário da Quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres em Beijing. Embora esta monitoria tenha tido lugar durante apenas um dia, ela introduziu alguns parâmetros novos para monitoria (tais como se as mulheres jornalistas tendem mais a consultar fontes femininas) e forneceu dados úteis para o estabelecimento do progresso em relação ao GMBS. O estudo mostrou que em média as fontes femininas na região tinham aumentado apenas em dois porcentos, para 19 por cento em dois anos desde o GMBS. Mas em países onde as redes do género e comunicação social são fortes, houve melhorias significativas. Por exemplo, na África do Sul a proporção das fontes femininas aumentou de 19% no GMBS para 26% no GMMP.

Uma monitoria deste tipo resultou na série **Espelhando sobre a Comunicação Social** que procurou monitorar a cobertura de eventos específicos bem como os géneros jornalísticos. A GL colaborou com os capítulos da GEMSA em vários

países para levar a cabo estudos sobre género nos programas de audiência da rádio; publicidade e tablóides, entre outros.

Um dos desafios que se colocou nas consultas sobre GMBS teve a ver com se as audiências percebem ou se preocupam com as disparidades de género nas notícias, e se os assuntos levantados tem relevância sobre o essencial da comunicação social. Isto levou a realização do **Estudo de Audiência sobre Género e Comunicação Social, os Meus Pontos de Vista sobre as Notícias**, em 2006. O estudo constatou que ambos mulheres e homens estariam mais interessados em notícias “suaves” que recebem menos cobertura na comunicação social, assuntos como educação, saúde, HIV e SIDA; constatou também que as mulheres têm interesse particular em dar retorno (através de cartas, chamadas aos programas de rádio, etc) mesmo quando são sub-representadas nesses géneros jornalísticos; e que as mulheres e os homens são chocados com a comercialização das mulheres nas notícias.

Para além do género, outra preocupação transversal para a comunicação social na região é a pandemia do HIV e SIDA. Internamente isto tem tido consequências devastadoras para muitos órgãos de comunicação, cujo pessoal tem sido directa e indirectamente afectado. A comunicação social tem também um papel principal a jogar na educação das pessoas sobre o HIV e SIDA bem como as suas dimensões do género. Isto levou a criação de um consórcio de ONGs, incluindo a GL, GEMSA, MISA, o Projecto de Monitoria da Comunicação Social (MMP), Panos África Austral e SAFAIDS a juntarem esforços com o Fórum de Editores da África Austral (SAEF) no lançamento do Plano de Acção da Comunicação Social (MAP) sobre o HIV e SIDA. O MAP consistiu de cinco braços: pesquisa e monitoria; políticas; ética; formação e informação.

The Southern African Media Action Plan



Para começar com o processo de política, a GL colaborou com o MMP num **Estudo Básico sobre HIV e SIDA e Género** em Outubro de 2005, que foi levado a cabo em onze países da África Austral. O estudo

constatou que no geral apenas três por cento das histórias na comunicação social da região mencionam ou são sobre HIV. Constatou também

que de longe as histórias da pandemia são contadas por especialistas e oficiais. As pessoas vivendo com SIDA apenas constituíam 4% das fontes de notícias. O estudo também constatou as dimensões de género do HIV e SIDA tais como a incapacidade de muitas mulheres para negociar sexo seguro, e o trabalho não remunerado de cuidados oferecido pelas mulheres não são bem compreendidos ou cobertos.

Em 2007, na sequência do retorno das Seychelles, bem como a integração de Madagáscar e RDC na SADC, a GL colaborou com a *Congolaise des Femmes des Medias* (UCOFEM) e Panos Paris na República Democrática do Congo (RDC); a Federação para a Promoção das Mulheres e Crianças (FPFE) em Madagáscar e GEM PLUS nas Seychelles para levar a cabo o Estudo Básico Francófono sobre HIV e SIDA e Género nos três países. As constatações foram similares aos restantes países da SADC. O estudo constatou que as fontes de notícias femininas constituíam 18% de todas as fontes identificadas, que foi uma percentagem superior que a percentagem de 17% registada no GMBS, mas foi inferior em relação a cobertura do GMMP de 19%. Com relação ao HIV e SIDA, o estudo constatou que, em média, apenas 2.1% de todas as histórias mencionavam ou eram sobre HIV e SIDA. Isto foi menos de 3% da cobertura registada no estudo básico sobre HIV e SIDA e Género realizado nos dez países no início do MAP. O estudo também mostrou que aqueles que são mais afectados pela pandemia receberam menos atenção da comunicação social, uma vez que apenas 4.7% foram citados. Isto foi superior aos 4% do estudo regional.

Desde 2006 a GL tem estado a usar estes dados para trabalhar com 204 redacções em 14 países da África Austral no desenvolvimento de políticas de HIV e SIDA atentas ao género que cobrem o local de trabalho, as questões editoriais e de marketing. Até meados de 2010, a GL tinha alcançado 90% desta meta.

Enquanto que as empresas de comunicação aceitaram prontamente a necessidade de políticas de HIV e SIDA, ficou claro durante o processo do MAP que seria necessário um esforço maior e convencimento sobre o género nas empresas de comunicação e nos conteúdos dos órgãos de comunicação social. Enquanto que o GMBS oferecia algumas reflexões sobre género na comunicação social, no sentido de que ele registou se as histórias eram reportadas por mulheres ou homens, isto não

contou toda a história sobre as divisões de género do trabalho dentro dos órgãos de comunicação, uma vez que ele não cobriu a administração e as várias subdivisões das funções da produção na comunicação social (como as funções técnicas e administrativas) que não são evidentes naquilo que o público vê, lê e ouve. Isto levou ao **Estudo Tetos de Vidro na África Austral** em 2008/2009. O estudo constatou que as mulheres constituem 41% dos trabalhadores da comunicação social na África Austral (32% se a África do Sul, que tem a maior densidade de órgãos de comunicação social, for excluída da amostra). O estudo constatou que as mulheres constituem menos de um quarto dos gestores séniores e uma fração dos gestores de topo; também que as mulheres repórteres tendem a se concentrar mais nas áreas de cobertura de notícias “suaves” enquanto os homens cobrem desporto, economia, política e o tipo de áreas de cobertura que recebem mais destaque na comunicação social.

Através do Centro de Género e Diversidade da Comunicação Social (GMDC) a GL colaborou com a Federação Internacional das Mulheres na Comunicação Social (IWMF) na realização do estudo global Tetos de Vidro e contribuiu com os dados da África Austral para este estudo.

A cada cinco anos, desde a Quarta Conferência sobre as Mulheres em Beijing em 1995, a Associação Mundial dos Comunicadores Cristãos (WACC) montou o Projecto Global de Monitoria da Comunicação Social (GMMP) que é realizado voluntariamente por grupos cívicos em todo o mundo. A GL trabalhou muito proximamente com a WACC na elaboração do estudo de 2010 e a GEMSA realizou a monitoria de um dia na África Austral em 10 de Novembro (que coincidiu com o período da monitoria do GMPS). Porque a monitoria foi realizada em apenas um dia, a amostra é muito pequena para ser desagregada por países. Nesta ordem de ideias, o GMPS oferece dados muito mais fiáveis ao nível dos países. Porém, alguns dados globais (por exemplo percentagem das fontes femininas no geral) são citadas nesta análise uma vez que eles oferecem um marco útil e correcto para a comparação do GMPS no país versus GMPS regional e GMMP.

O **Estudo de Progresso sobre Género e Comunicação Social (GMPS)**, que vem exactamente sete anos depois do estudo básico original procura comparar e estabelecer um marco de desempenho da comunicação social dos países



da SADC contra o seu desempenho no GMBS; os dois Estudos Básicos sobre HIV e SIDA e Género do MAP e tirar paralelismos com o estudo Tetos de Vidro onde se mostrar apropriado. Os dados desta pesquisa serão também usados como uma avaliação geral do impacto do trabalho de política, advocacia e formação sobre HIV e SIDA e Género realizado como parte da iniciativa do MAP desde 2006 - 2008. Será uma contribuição importante no Género e Comunicação Social no país.

### **Género e comunicação social em Moçambique**

Moçambique é signatário de várias convenções e protocolos internacionais e regionais. Tem uma política nacional de género que estabelece os princípios de igualdade de género. Apesar dos passos dados para empregar mulheres e homens na comunicação social, os conteúdos e as fontes continuam desequilibradas. A concentração nos eventos, dos conteúdos da comunicação social em Moçambique tem levado a exclusão das vozes, perspectivas e representação de uma grande porção da população Moçambicana. Muitas fontes de notícias são homens, reflectindo o desequilíbrio do poder e influência entre os sexos no país.

### **HIV e SIDA e Género**

O Estudo Básico sobre HIV e SIDA, Género e Comunicação Social constatou que:

- As pessoas vivendo com HIV e SIDA constituem apenas 5% das fontes, com as agências das NU e as organizações da Sociedade Civil a dominarem.
- Há pouca cobertura das histórias sobre tratamento e impacto. O tópico sobre prevenção é melhor coberto com 47%.
- A maioria das histórias sobre HIV e SIDA tem um enfoque nacional, e apenas 19% de histórias de âmbito local.
- Havia um número elevado de histórias originais produzidas por jornalistas. 48% das histórias foram originadas por jornalistas.
- A dimensão do género da pandemia não foi coberta adequadamente.

### **Género nas redações**

O Estudo Tetos de Vidro teve lugar no contexto do Protocolo da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC) sobre Género e Desenvolvimento, de Agosto de 2008, que incita aos órgãos de comunicação social e todos os órgãos de tomada de decisão na região para alcançar a

paridade do género até 2015. O protocolo do género apela para a incorporação do género em todas as leis, políticas e formação em comunicação social. Ele incita os órgãos de comunicação social na região a dar voz igual às mulheres e homens, desafiar os estereótipos e assegurar o equilíbrio e sensibilidade em toda a cobertura - especialmente aquela relacionada com a violência do género.

O estudo constatou que as mulheres constituem 27% dos trabalhadores da comunicação social e 35% dos gestores séniores nos órgãos de comunicação em Moçambique; que a divisão do trabalho de cobertura por género é evidente, e que apenas 7% dos órgãos de comunicação indicaram ter políticas de género.

### **O processo**

O projecto consistiu das seguintes componentes:

- 1) **Pesquisa documental e desenho do projecto e grupo de referência:** Esta fase envolveu a revisão dos estudos desta natureza existentes, especialmente o GMBS, Estudo Básico sobre o HIV e SIDA, para determinar as metodologias mais efectivas. A elaboração das perguntas incluiu: o período durante o qual a monitoria iria ter lugar, e a amplitude da comunicação social a ser incluída (privada, pública, impressa, electrónica, etc) e as questões-chaves a serem respondidas.
- 2) **Seleção dos chefes das equipas e aprovação das propostas para as pesquisas ao nível dos países:** A Gender Links associou-se com os facilitadores nacionais da Rede do Género e Comunicação Social da África Austral (GEMSA) para liderarem a pesquisa no país. Em outros casos a GL se associou a ONG que trabalham nas áreas de comunicação social e género, instituições de ensino ou associações de mulheres na comunicação social.
- 3) **Formação dos formadores:** A GL, MISA e GEMSA organizaram um workshop dos chefes das equipas de cada um dos quinze países da África Austral onde a pesquisa teria lugar de 3 a 5 de Outubro de 2009.
- 4) **Formação ao nível dos países:** Os chefes das equipas avançaram na formação das suas equipas de monitoria.
- 5) **Monitoria ao nível dos países:** Cada um dos chefes das equipas regressaram aos seus países e realizaram a pesquisa de acordo com as regras acordadas. A monitoria foi realizada de 19 de Outubro a 16 de Novembro de 2009.

- 6) **Consultas internas nos países e apresentação das constatações preliminares:** Antes do lançamento, as constatações foram escrutinadas com os principais interessados da comunicação social nos países participantes.
- 7) **Lançamento do relatório na Quarta Cimeira de Género e Comunicação Social**, de 13 a 15 de Outubro de 2010.

## Metodologia

### Perguntas de pesquisa

O estudo procurou responder às perguntas de pesquisa abaixo elaboradas.

#### Tópicos

- Quais são os tópicos que são dados maior e menor cobertura?
- Como é que os países se comparam um ao outro na região?
- Qual a proporção da cobertura que é dedicada aos tópicos específicos do género?
- Desses, qual é a proporção sobre a violência do género?
- Qual a proporção da cobertura que é especificamente sobre HIV e SIDA?
- Qual a proporção da cobertura que menciona HIV e SIDA?
- Qual a proporção da cobertura que é especificamente sobre violência baseada no género?
- Qual a proporção da cobertura que mencionou violência baseada no género?
- Como é que os órgãos de comunicação em cada país se comparam uns aos outros com relação a cobertura do HIV e SIDA?
- Como é que os órgãos de comunicação em cada país se comparam uns aos outros com relação à cobertura da Violência Baseada no Género (VBG)?
- Da cobertura sobre HIV e SIDA, que proporção é sobre prevenção, tratamento, cuidados, impacto, geral ou outros?

- Da cobertura sobre VBG, que proporção é sobre prevenção, os efeitos sobre a vítima e outros, apoio e resposta?
- Como é que o tópico HIV e SIDA se subdivide em subtópicos (listado no grão de monitoria)?
- Como é que os tópicos da VBG se subdivide em subtópicos?

#### Géneros jornalísticos

- Qual é a desagregação geral dos géneros jornalísticos (notícias e breves; cartoons, imagens e gráficos; editorial e opinião; artigos de fundo e análise; retorno; entrevista, perfil e interesse humano).
- Como é que a cobertura específica sobre o género é desagregada com relação a esses géneros jornalísticos?
- Como é que a cobertura do HIV e SIDA é desagregada com relação a esses géneros jornalísticos?
- Como é que a cobertura do VBG é desagregada com relação a esses géneros jornalísticos?



Entrevista colectiva em Maputo.

Foto de Luís Muianga

#### Origem

- De onde vêm as histórias (internacional, regional, nacional, provincial, local)?
- Como é que a cobertura específica do género é desagregada com relação a origem das histórias?
- Como é que a cobertura específica do HIV e SIDA

- é desagregada com relação a origem das histórias?
- Como é que a cobertura específica da VBG é desagregada com relação a origem das histórias?

*Fontes - Quem fala sobre o quê?*

- Qual é a proporção das fontes primárias em contraposição às fontes secundárias em que as histórias se baseiam?
- Em média, quantas fontes primárias existem por cada história?
- Em média, quantas fontes existem em cada história específica sobre género; histórias sobre HIV e SIDA ou que menciona HIV e SIDA e VBG?
- Em média, quantas fontes existem por história sobre VBG?
- Em média, quantas histórias indicam a conexão entre VBG e HIV e SIDA?
- Como é que essas média diferem, se é que diferem, da média global?
- No geral, qual é a proporção de fontes femininas e masculinas?
- Como é que os órgãos de comunicação social individualmente em cada país se comparam em relação às fontes masculinas e femininas?
- Existem diferenças na proporção de fontes femininas e masculinas na rádio, TV e imprensa escrita?
- Qual é o grupo etário que tem mais/menos voz e existirá diferença entre mulheres e homens?
- Em que papéis ocupacionais as mulheres e os

homens são reflectidos?

- Até que ponto as fontes femininas e masculinas são identificadas de acordo com a relação pessoal?
- Qual é proporção de mulheres e homens que falam em cada categoria de tópico?
- Qual é a desagregação das fontes femininas e masculinas na categoria específica do género?
- Qual é a desagregação das fontes femininas e masculinas nas histórias sobre, e que mencionam HIV?
- Qual é a desagregação das fontes femininas e masculinas nas histórias sobre, e que mencionam VBG?
- Qual é a desagregação das fontes femininas e masculinas na desagregação adicional da categoria do tópico HIV e SIDA em prevenção, tratamento, cuidados, impacto e geral?
- Qual é a desagregação das fontes femininas e masculinas na desagregação adicional da categoria do tópico VBG em prevalência, efeitos, apoio e resposta?
- Qual é a função da fonte (pessoa comum, especialista, oficiais, etc) e existem diferenças entre as mulheres e os homens?
- No caso das fontes das histórias sobre HIV e SIDA; pessoas afectadas pelo HIV e SIDA; figuras tradicionais ou religiosas; especialistas; sociedade civil; oficial e agências das Nações Unidas ou outros?

- No caso das fontes de histórias sobre VBG, qual é a proporção das pessoas vivendo com HIV e SIDA; pessoas afectadas pelo HIV e SIDA; figuras tradicionais ou religiosas; especialistas; sociedade civil; oficial e agências das nações Unidas ou outras?

**Ferramentas de pesquisa**

A pesquisa combinou ambos métodos de pesquisa quantitativa e qualitativa. Os monitores recolheram os dados quantitativos sobre a cobertura dos órgãos de comunicação sobre género, HIV e SIDA e VBG. Os chefes das equipas em cada país seleccionaram os artigos para mais análises



Jornalistas cobrindo uma conferência de imprensa em Maputo.

Foto de Luís Muianga



para dar uma análise mais aprofundada das constatações quantitativas.

### *Pesquisa quantitativa*

A monitoria quantitativa consistiu na captura de dados sobre a cobertura dos órgãos de comunicação sobre género e HIV e SIDA usando um instrumento de codificação. Os dados foram capturados numa base de dados previamente desenhada para esta pesquisa. Os monitores tinham que capturar um conjunto específico de dados de cada item. Isto incluía informações sobre o item em sí, quem originou ou apresentou a estória (apresentador, âncora, repórter, e redactor) e quem aparecia no item.

O processo incluiu:

- Preencher formulários padrão em cada dia para cada item monitorado com apoio de um guia de usuário providenciado pela Gender Links;
- Submeter os formulários para verificação do chefe da equipa, que geralmente monitorava pelo menos um meio de comunicação para melhor entender as dificuldades que os monitores encontravam;
- Introdução dos dados na base de dados;
- Controlo de qualidade pela Gender Links;
- Envio das bases de dados por e-mail para Gender Links para serem sintetizados numa base de dados central que tornou possível o relatório regional, bem como comparações entre países com as médias regionais.
- Análise de dados e geração de gráficos por um analista de dados independente, Lukhanyo Nyati.

### *Pesquisa qualitativa*

Depois da monitoria quantitativa, foram seleccionados artigos para uma análise adicional para dar mais profundidade a análise das constatações quantitativas. Esses estudos de caso destacam as melhores práticas na cobertura do género, HIV e SIDA, violência baseada no género bem como as áreas que precisam de ser melhoradas.

Os estudos de caso servem para elaborar mais e suportar muitas das observações feitas na análise quantitativa.

A análise qualitativa também ajuda a criar uma educação de género e comunicação social no seio do público (consumidores da comunicação social), defensores da comunicação social e entre aqueles que trabalham na comunicação social.

- Como é que as mulheres e homens são catalogados como fontes na comunicação social?
- Existe um bom equilíbrio de fontes femininas e masculinas? As mulheres e homens falam sobre os mesmos tópicos, ou a comunicação social reserva tópicos específicos para os homens e tópicos específicos para as mulheres?
- A linguagem promove esteriótipos de homens e mulheres?
- Os atributos físicos são usados para descrever as mulheres mais do que os homens?
- Como é que as mulheres são retratadas na estória? Como é que os homens são retratados na estória?
- Todos os homens e mulheres na sociedade são representados e dados voz na comunicação social?
- Quais são as vozes e perspectivas que estão ausentes na estória?
- Quais são as estórias que estão ausentes?

Os monitores usaram o seguinte quadro de trabalho para ajudá-los a avliar as estórias:

**Tabela três: Lista de verificação para a monitoria qualitativa**

Reportagem atenta ao género	Reportagem cega/tendenciosa sobre género
Equilíbrio de género nas fontes (vozes)	Falta de equilíbrio de género nas fontes (vozes)
Linguagem neutra sobre género	Linguagem tendenciosa sobre género
Consciência do impacto diferencial	Falta de consciência das dinâmicas de género
Justeza na abordagem do assunto <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sem dualidade de critérios</li> <li>• Sem moralismos</li> <li>• Sem preconceito</li> <li>• Sem ridicularizar</li> <li>• Sem acusação</li> </ul>	Cobertura tendenciosa dos assuntos <ul style="list-style-type: none"> <li>• Dualidade de critérios</li> <li>• Moralismos, ex: julgar</li> <li>• Preconceitos abertos, ex: as mulheres são menos inteligentes que os homens, etc.</li> <li>• Ridicularizar, ex: as mulheres em certas situações</li> <li>• Colocar culpa, ex: sobre sobreviventes de estupro pela sua forma de vestir, etc</li> </ul>
Desafia esteriótipos	Perpetua esteriótipos
Linguagem acessível e sensível ao género	Cheio de jargões e linguagem tendenciosa esteriótipada com relação ao género
Dados desagregados por género	Dados agregados

Cada dia os monitores alertavam o chefe da equipa para exemplos positivos e negativos, incluindo títulos, gráficos, cartoons e fotografias. O relatório fornece uma visão geral e exemplos das constatações qualitativas que variam desde peças descaradamente sexistas, a exemplos mais subtís de esteriótipos de género, a exemplos de melhores práticas em assegurar que as vozes das mulheres e homens, em toda a sua diversidade, são ouvidas.

Esta secção da análise qualitativa está dividida em quatro partes:

- Reportagem cega ao género ou estórias que são mais pobres por não explorar as dinâmicas de género que as suportam.
- Esteriótipos subtís que reforçam os papéis que se esperam das mulheres e homens na sociedade.
- Esteriótipos descarados referentes a objectivação das mulheres e homens na comunicação social.
- Reportagem atenta ao género.

## Amostra

A GL e os parceiros desenharam a amostra da pesquisa para obter um reflexo justo da comunicação social em cada país, baseado na densidade da comunicação social; propriedade e participação no MAP.

Tabela quatro: Amostra do GMPS					
DESINDADE DO PAÍS	NÚMERO TOTAL ÓRGÃOS DE COMUNICAÇÃO	META DA AMOSTRA POR PAÍS	NÚMERO REAL DE ÓRGÃOS DE COMUNICAÇÃO	NÚMERO TOTAL DE ÍTEMS NOTICIOSOS MONITORADOS GMPS	NÚMERO TOTAL DE ÍTEMS MONITORADOS GMBS OU ESTUDO FRANCÓFONO
<b>Alta</b>					
DRC	311	15	17	3910	2077
Madagascar	229	15	14	2541	2935
Moçambique	64	15	16	2789	1564
África do Sul	145	15	19	5957	8642
Tanzania	73	15		2335	2784
<b>Média</b>					
Maurícias	22	9	10	3918	3003
Malawi	20	9	11	1597	1528
Zâmbia	35	9	11	2080	756
Zimbabwe	34	9	11	2988	2107
Namíbia	24	10	10	1604	1939
<b>Baixa</b>					
Lesotho	19	9	7	645	745
Botswana	17	6	7	879	434
Swazilândia	11	6	4	1365	1403
Seychelles	10	6	6	823	706
<b>TOTAL</b>	<b>1014</b>	<b>148</b>	<b>157</b>	<b>33431</b>	<b>30828</b>

A tabela três mostra o número de órgãos de comunicação em cada país e o número das metas calculado da seguinte maneira:

- Alta densidade da comunicação social: todos os países que têm mais de 50 órgãos de comunicação individuais.

- Média densidade: todos os países que têm entre 20 e 50 órgãos de comunicação.
- Baixa densidade: países que têm menos de 20 órgãos de comunicação individuais.

Moçambique está no grupo dos países de alta densidade de órgãos de comunicação social, porque tem mais de 50 órgãos de comunicação individuais. Para este estudo foram seleccionados 15 órgãos de comunicação, de onde foram monitorados 2789 itens noticiosos, muito acima daquilo que foi monitorado no GMBS (1564).

O tipo de propriedade/controlado foi também uma consideração importante na amostragem para garantir uma amostra diversificada dos órgãos de comunicação social a serem monitorados. A amostra também tomou em consideração a dispersão dos sectores da comunicação de radiodifusão e imprensa escrita para assegurar que os resultados se apliquem a um espectro geral dos órgãos de comunicação disponíveis na região e em cada país.

Um critério adicional para a selecção de órgãos de comunicação específicos neste estudo é a consideração de se os mesmos órgãos de comunicação foram monitorados no GMBS; no Estudo Básico sobre HIV e SIDA e Género e no Estudo Básico Francófono sobre HIV e SIDA e Género. Isto é em vista do facto de que os resultados deste estudo serão usados para avaliar o desempenho dos órgãos de comunicação - incluindo órgãos de comunicação específicos - depois da política e das intervenções de retaguarda levadas a cabo pela Gender Links desde os últimos estudos básicos.

A tabela cinco detalha o número dos itens noticiosos monitorados no GMPS. O maior número de itens noticiosos monitorados foram publicados no Diário de Moçambique (414), seguindo-se os diários Notícias e O País



com 335 e 330 itens noticiosos, respectivamente. Estes apresentam um número elevado de itens noticiosos monitorados por serem jornais diários, enquanto que os semanários, que saem à rua apenas uma vez por semana, contribuíram com um número inferior de itens noticiosos monitorados.

Novembro de 2009. A Monitoria Global da Comunicação Social caiu neste período, tendo a sua pesquisa sido conduzida no dia 10 de Novembro de 2009.

A tabela abaixo resume as datas nas quais a monitoria foi realizada para os diferentes meios. A televisão e rádio foram monitorados no mesmo dia, e foram monitorados em todos os dias alternados.

**Tabela cinco: Análise dos órgãos de comunicação monitorados**

PÚBLICO		IMPRESSO	RÁDIO	TV	MAP	NON-MAP	GMBS	NEW
Domingo	1	1				1		
Notícias	1	1				1		
Radio Mocambique	1		1			1		
TVM	1			1	1			
<b>Sub-total</b>	<b>4</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>3</b>		
PRIVATE								
Canal de Mocambique	1	1			1			
Diario de Moçambique	1	1				1		
Escorpião	1	1			1			
Savana	1	1			1			
O País	1	1			1			
Zambeze	1	1			1			
Rádio Terra Verde	1		1		1			
Rádio Miramar	1		1			1		
STV	1			1	1			
TIM	1			1		1		
<b>Sub-total</b>	<b>10</b>	<b>6</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>7</b>	<b>3</b>		
COMMUNITY								
Radio Voz Coop	1		1		1			
<b>Sub-total</b>	<b>1</b>		<b>1</b>		<b>1</b>			
<b>TOTAL</b>	<b>15</b>	<b>8</b>	<b>4</b>	<b>3</b>	<b>9</b>	<b>6</b>		
			<b>15</b>		<b>15</b>			

- A imprensa escrita foi monitorada no mesmo dia e em cada dia alternado, com a excepção dos semanários que foram monitorados no dia em que saíam a rua.
- Para os jornais, rádio e programas noticiosos de TV que não eram transmitidos sete dias por semana (ex: que eram apresentados durante os dias úteis da semana) os monitores eram exigidos que monitorassem cinco conjuntos durante o período de dez dias da monitoria ou o equivalente a isso para que no final tivessem material que valeria para uma semana dessa publicação ou programa monitorado.

### O que foi monitorado?

- Jornais: todo o jornal, excepto os anúncios classificados; publicidade; publicidade redigida e suplementos.
- Rádio: Um serviço noticioso principal de meia hora ou uma hora, ou um programa de análise noticiosa em horário nobre (seja de manhã ou à noite) que incluem actualidade.
- Televisão: Um serviço noticioso ou programa de análise de notícias de uma hora ou meia em horário nobre (seja de manhã ou à noite).

### Período

A monitoria compreendeu um período de 14 dias alternados durante um mês. A monitoria começou na Segunda-feira, dia 19 de Outubro e terminou na Quinta-feira, dia 16 de

**Tabela seis: Análise comparativa dos itens noticiosos monitorados por órgão de comunicação**

ÓRGÃO DE COMUNICAÇÃO	NÚMERO DE ITENS NOTICIOSOS POR ÓRGÃO DE COMUNICAÇÃO GMPS
Notícias	335
O País	330
Diário de Moçambique	414
Savana	143
Zambeze	150
Canal de Moçambique	194
Excopião	158
Domingo	103
Radio Moçambique	186
Radio Miramar	180
Radio Voz Coop	99
TVM	186
STV	163
TIM	59
Radio Terra Verde	89
<b>TOTAL</b>	<b>2789</b>

## Eventos principais durante o período da monitoria

Os pesquisadores escolheram o mês de Outubro e Novembro para o estudo porque representava um período relativamente “neutro”. Contrariamente ao período de Novembro e Dezembro que teria coincido com a campanha dos 16 Dias de Activismo de 25 de Novembro a 10 de Dezembro. Tradicionalmente este período tem mostrado um aumento considerável na cobertura de assuntos sobre género e violência baseada no género em particular. O mês de Dezembro teria desviado os resultados das constatações dando elevados números de estórias sobre HIV e SIDA por causa do Dia Mundial do SIDA no primeiro de Dezembro. O HIV e SIDA é de interesse significativo para esta pesquisa.

Tabela seta: Dias de monitoria			
DIA	MEIO		
Segunda-feira 19 de Outubro		TV	Rádio
Terça-feira 20 de Outubro	Impresso		
Quarta-feira 21 de Outubro		TV	Rádio
Quinta-feira 22 de Outubro	Impresso		
Sexta-feira 23 de Outubro		TV	Rádio
Sábado 24 de Outubro	Impresso		
Domingo 25 de Outubro		TV	Rádio
Segunda-feira 26 de Outubro	Impresso		
Terça-feira 27 de Outubro		TV	Rádio
Quarta-feira 28 de Outubro	Impresso		
Quinta-feira 29 de Outubro		TV	Rádio
Sexta-feira 30 de Outubro	Impresso		
Sábado 31 de Outubro		TV	Rádio
Domingo 1 de Novembro	Impresso		
Segunda-feira 2 de Novembro		TV	Rádio
Terça-feira 3 de Novembro	Impresso		
Quarta-feira 4 de Novembro		TV	Rádio
Quinta-feira 5 de Novembro	Impresso		
Sexta-feira 6 de Novembro		TV	Rádio
Sábado 7 de Novembro	Impresso		
Domingo 8 Novembro		TV	Rádio
Segunda-feira 9 de Novembro	Impresso		
Terça-feira 10 de Novembro	<b>DIA DO GMMP: NÃO HÁ MONITORIA</b>		
Quarta-feira 11 de Novembro	Impresso		
Quinta-feira 12 de Novembro		TV	Rádio
Sexta-feira 13 de Novembro	Impresso		
Sábado 14 de Novembro		TV	Rádio
Domingo 15 de Novembro	Impresso		
Segunda-feira 16 de Novembro		TV	Rádio